

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ROTEIRO DE ATIVIDADES

2ª SÉRIE

1º BIMESTRE

AUTORIA

PRISCILA DIONISIO DOS SANTOS

Rio de Janeiro

2013

TEXTO GERADOR I

SENHORA

Primeira Parte

O preço – Capítulo 1

Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela.

Desde o momento de sua ascensão ninguém lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos salões.

Tornou-se a deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade.

Era rica e formosa.

Duas opulências, que se realçam como a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, como o raio de sol no prisma do diamante.

Quem não se recorda da Aurélia Camargo, que atravessou o firmamento da Corte como brilhante meteoro, e apagou-se de repente no meio do deslumbramento que produzira o seu fulgor?

Tinha ela dezoito anos quando apareceu a primeira vez na sociedade. Não a conheciam; e logo buscaram todos com avidez informações acerca da grande novidade do dia. (...)

Aurélia era órfã; e tinha em sua companhia uma velha parenta, viúva, D. Firmina Mascarenhas, que sempre a acompanhava na sociedade.

Mas essa parenta não passava de mãe de encomenda, para condescender com os escrúpulos da sociedade brasileira, que naquele tempo não tinha admitido ainda certa emancipação feminina.

Guardando com a viúva as deferências devidas à idade, a moça não declinava um instante do firme propósito de governar sua casa e dirigir suas ações como entendesse. (...)

A convicção geral era que o futuro da moça dependia exclusivamente de suas inclinações ou de seu capricho; e por isso todas as adorações se iam prostrar aos próprios pés do ídolo.

Assaltada por uma turba de pretendentes que a disputavam como o prêmio da vitória, Aurélia, com sagacidade admirável em sua idade, avaliou da situação difícil em que se achava, e dos perigos que a ameaçavam.

Daí provinha talvez a expressão cheia de desdém e um certo ar provocador, que eriçavam a sua beleza aliás tão correta e cinzelada para a meiga e serena expansão d'alma.

Se o lindo semblante não se impregnasse constantemente, ainda nos momentos de cisma e distração, dessa tinta de sarcasmo, ninguém veria nela a verdadeira fisionomia de Aurélia, e sim a máscara de alguma profunda decepção. (...)

TEXTO GERADOR II

Segunda Parte

Quitação – Capítulo 2

(...) O coração de Aurélia não desabrochava ainda; mas virgem para o amor, ela tinha não obstante a vaga intuição do pujante afeto, que funde em uma só existência o destino de duas criaturas, e completando-as uma pela outra, forma a família.

Como todas as mulheres de imaginação e sentimento, ela achava dentro em si, nas cismas do pensamento, essa aurora d'alma que se chama o ideal, e que doura ao longe com sua doce luz os horizontes da vida.

O casamento, quando acontecia pensar nele alguma vez, apresentava-se a seu espírito como uma cousa confusa e obscura; – uma espécie de enigma, do seio do qual se desdobrava de repente um céu esplêndido que a envolvia, inundando-a de felicidade.

Em sua ingenuidade não compreendia Aurélia a idéia do casamento refletido e preparado. Mas a insistência de sua mãe, inquieta pelo futuro, fez que ela se ocupasse com esta face da vida real.

Reconheceu que não tinha direito de sacrificar a um sonho de imaginação, que talvez nunca se realizasse, o sossego de sua mãe primeiro, e depois seu próprio destino, pois que sorte a esperava, se tivesse a desgraça de ficar só no mundo? (...)

TEXTO GERADOR III

Resenha crítica sobre o livro *Senhora*, de José de Alencar

(...) Esta história, como o leitor há de reparar, começa com um pedido de desculpas do Autor, que, cansado de críticas ao folhetim - tipo de narração exuberante e sedutora, capaz de interessar aos leitores comuns e às experiências de escritores da época - afirma ser verdadeiro o caso que conta, a partir de confidências “dos principais autores desse drama curioso”. Entretanto, o Autor justifica, de antemão, o “heroísmo de virtude na altivez dessa mulher, que resiste a todas as seduições, aos impulsos da própria paixão, como ao arrebatamento dos sentidos”. Está construído, ainda no prefácio do Autor, o perfil incomum e resoluto de personagem feminina, capaz de fazer “brochar” qualquer homem que pense e crie suas artes contra ela. A Senhora de Alencar e de seus leitores chama-se Aurélia Camargo: inteligente como Ulisses, diante dos feitiços interesseiros, bela como Circe, diante dos mortais depreciados, alia a sedução à inteligência, como só mulheres especialmente afirmativas saberiam fazer. Mais: Aurélia alia à sedução e a inteligência (aliás, perfeitamente verossímeis na personagem) uma qualidade que seres superiores como ela de fato desprezariam: grande quantidade de dinheiro, obtida por herança tardia. Isso a torna, ainda mais, um sujeito “especial” na história da sociedade brasileira, contada por José de Alencar, no século passado.

O outro da história, o Homem com maiúscula, capaz de conduzir-se por interesses socialmente corriqueiros no casamento é Fernando Seixas. Trata-se apenas de rapaz jovem, inteligente e belo, que se deixa levar por uma vida de etiqueta e ostentação. Forçado pela

condição de funcionário público com baixo salário, aliado á promessa de aposentadoria, Fernando vive em prol de um futuro prazeroso: bailes, jantares finos, elegância, etiqueta, bom-tom. Despertado seu coração pelo Amor de certa moça pobre, resguarda-se, em nome de vida melhor. Quando este “dote”, aliás de trinta contos de réis, é ultrapassado por outro, de cem, sua única hesitação deriva da incerteza sobre os dotes físicos da “escolhida”. Quão agradável não é sua surpresa, quando lhe apresentam a disputada Aurélia Camargo?

Já lhe merecera esta o namoro e o noivado. Ele a tinha deixado apenas por ser pobre. Existe, então, da parte dele, o verdadeiro amor? Ou se trata de “golpe do baú”? Os leitores de Senhora que o digam.

(...).

É dessa ambivalência, aliás, que resulta a maior força desse caso de amor/engano: não há partido que o leitor possa tomar, de modo a dividir a história entre inocentes e culpados. Charmosos e sensíveis, os protagonistas mostram ao leitor valores que não dependem da condição sexual ou econômica de cada um, mas da retomada de uma identidade perdida, por certo tempo, entre as ruínas morais de corte. São personagens criadas com talento suficiente para fazer o leitor deslocar-se com elas do espaço social mesquinho e desumanizado para outro lugar: o do diálogo.

Alencar, com toda a habilidade de exímio folhetinista, deixa-nos até hoje presos ao fio de sua Ariadne/Aurélia, capaz de ficar a janela seduzindo um passante como seu possível noivo para, depois, ficar à espreita de outro momento de condução da vontade alheia, através da fortuna que passa a pertencer-lhe por herança. Também Fernando Seixas não cansa de demonstrar-nos o aviltamento a que chegou por considerar a riqueza “como a primeira força viva da existência”. Que importância terá o amor neste caso? Exatamente a de funcionar para que se ultrapassem tais limitações sócio-econômicas.

Decerto Alencar teve e terá leitores que, julgando naturais os interesses extra-afetivos ligados ao casamento, fiquem perguntando-se por que Aurélia e Fernando tiveram de sofrer

um destino pesado. O próprio narrador parece, em certa parte do texto, conduzir o leitor a esse tipo de surpresa: “mas parecia tudo tão certo!” Diferente pode ser, entretanto, a leitura deste caso: o destino das personagens dói como o de quaisquer membros de uma sociedade em crise, cujos interesses precisam ser ultrapassados, para que cada um possa finalmente conhecer e amar a si e ao outro. (...)

*(Resenha de Graça Paulino, Doutora em Teoria Literária pela UFRJ In:
<http://www.procampus.com.br/vestibular/resumos/senhora.pdf>)*

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 1

Identifique nos parágrafos 6 e 7 trechos que indiquem comentários críticos a respeito do autor José de Alencar, evidenciando um juízo de valor.

Habilidade trabalhada

Reconhecer na resenha a finalidade de expor criticamente um ponto de vista sobre manifestações artísticas.

Resposta comentada

Depois da leitura atenta, o professor deve fazer o aluno perceber como a resenha expõe críticas, positivas ou negativas, a respeito de uma obra literária. Assim, o aluno identificará trechos de opinião da autora em “*Alencar, com toda a habilidade de exímio folhetinista, deixa-nos até hoje presos ao fio de sua Ariadne/Aurélia...*”; “*O próprio narrador parece, em certa parte do texto, conduzir o leitor a esse tipo de surpresa*”; “*o destino das personagens dói como o de quaisquer membros de uma sociedade em crise...*”. O professor deve enfatizar a finalidade da resenha na exposição de um ponto de vista sobre a obra artística.

RESULTADOS PEDAGÓGICOS

Como a turma é de adultos, não há problemas no comportamento. Mas foram notadas mudanças significativas no interesse e no rendimento dos alunos. Interessaram-se pelo romance Senhora, e muitas alunas faziam perguntas sobre a história. Algumas alunas estão com o livro, emprestado na biblioteca. Contudo, tenho sempre que fazer o RA junto com a turma, pois eles têm muitas dificuldades. Em algumas questões, dava um tempo para eles fazerem sozinhos, depois corrigia. Percebi que os alunos ficaram bem atentos às explicações do RA. O interesse deles foi notório, o que se refletiu no rendimento. Como houve dificuldades no RA, achei melhor trabalhar ele todo e depois passar uma atividade baseada no RA. Percebi que o rendimento foi bom, com notas acima da média, melhores do que nas atividades passadas. A dificuldade maior está sendo na resenha, que deixei para eles fazerem à parte. Por isso, estou lendo aos poucos a produção que fizeram para depois dar a oportunidade a eles de reescrever e aprimorar.